

## Introdução

“Te avisei que a cidade era um vão. Dá tua mão, olha pra mim”.

Chico Buarque

A música de Chico Buarque, “As Vitrines”, sugere o título deste estudo em Psicologia Social Comunitária, na localidade de Muzema. Esta é uma comunidade situada na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, com características de população de baixa renda muito próprias e com moradores nordestinos.

Lembrando as transformações urbanas ocorridas no Rio de Janeiro entre o fim do século XIX e início do século XX, recorro ao cronista João do Rio, identidade literária de Paulo Barreto, para pensar o paradoxo da cidade. De um lado a sociedade do espetáculo, tomando as palavras de Guy Debord (1997), e de outro a realidade dos menos favorecidos. Segundo Abreu (2004), João do Rio revelava em suas crônicas que o Rio das vitrines e dos automóveis era também o dos marginais, dos boêmios, dos fumadores de ópio e dos miseráveis.

A experiência em Muzema me aproxima deste paradoxo. De forma similar ao exposto na música de Chico Buarque, “catando a poesia que entornas no chão”, observo os impasses da subjetividade individual no ritmo da metrópole moderna, ora seduzindo, ora indicando uma ameaça, conforme proposto por Veneu (1990).

“Na galeria, cada clarão é como um dia depois de outro dia”. Uma comunidade como Muzema pode ser analisada metaforicamente como uma galeria? Walter Benjamin (1991) mostra que “as galerias são um meio-termo entre a rua e o interior da casa” (p.35). Nas galerias existem as mercadorias, o consumo. Em Muzema, como uma cidade em miniatura, seus moradores ofertam sua força de trabalho à cidade, como uma mercadoria. Nas galerias e na comunidade, transitamos num espaço de confronto entre algo próximo ao familiar, ao privado e o ritmo frenético da cidade. A galeria é uma passagem. É um lugar em que muitos perambulam, mas que a procuram como um refúgio, diante do compasso exagerado da cidade.

Veneu (1990) constata que, nesta virada do século XX, a representação ocidental do sujeito como “indivíduo”, autônomo, sujeito construtor da sociedade e valor de referência para todos os valores socialmente partilhados, vive seu apogeu e sua crise. Este autor diz que estas características se estenderiam até nossos dias, exercendo, ainda, uma tensão instauradora sobre os novos e ambíguos saberes que se constituem, como a psicologia e a sociologia. Para Veneu, ao lado do surgimento das “massas” na vida política e da “multidão” na experiência urbana, também os saberes eruditos passam a colocar em cheque a identidade individual, no mesmo momento em que a constroem. Ao citar Simmel (1971, p.223), o mesmo autor, justifica esta posição:

através de toda a era moderna, a busca do indivíduo é pelo seu ego, por um ponto fixo e não ambíguo de referência. Ele necessita mais e mais desse ponto fixo, em vista da expansão sem precedentes das perspectivas teóricas e práticas e da complicação da vida, e diante do fato correlato de que ele não pode mais encontrar essa referência em nenhum outro lugar fora de si mesmo.

Existem, hoje, saídas para a complexidade do nosso viver, já que nos encontramos numa multidão de sujeitos isolados na cidade? Problematizo como os moradores de Muzema, que são em sua maioria migrantes nordestinos, lidam com esta questão.

“Dá tua mão, olha prá mim”. Como aponto neste estudo, apoiada em Buber (1987), não se deve procurar a solução em algo encapsulado no “privado”, num mergulho no próprio eu, mas através da saída, da aparência deste eu no espaço público do “entre-dois”. “É a ação dialógica o início de um espaço político. A redescoberta do “comum” (público) passa pela revolução no pensamento do comunitário” (p.132). A ética da solidariedade é enfatizada em Psicologia Social Comunitária, quando assumimos o compromisso ético e político diante dos direitos humanos, questionando formas de opressão e dominação em que vivem os homens.

Este trabalho tem como objetivo revelar alguns desdobramentos de minha atuação, desde janeiro de 2002, como supervisora em Psicologia Comunitária, do Serviço de Psicologia Aplicada, no Posto de Saúde da localidade de Muzema.

Dentre os mais importantes desdobramentos, destaco um aprofundamento em Psicologia Comunitária a partir do referencial teórico sócio-histórico, uma reflexão sobre a comunidade existente na cultura contemporânea, dando ênfase ao

debate sobre o individualismo, a ausência do Estado em diversos setores da vida em sociedade e o contexto de vida dos “refugiados humanos”<sup>1</sup> na atualidade.

Por fim, apresento o relato da minha experiência no Posto e na comunidade de Muzema. A clínica ampliada, com enfoque teórico-psicanalítico, será apresentada como proposta que não se esgota nas falas dos sujeitos atendidos na instituição, mas que requer um olhar para as especificidades daquele grupo e seus entrelaçamentos nas questões presentes na sociedade mais ampla. Considera-se, ainda, que a Psicologia Sócio-Histórica nos convida a assumir o caráter ético e político da escuta clínica, possibilitando a construção de políticas públicas.

Ancorada numa perspectiva crítica e histórica na Psicologia Social Comunitária e reconhecendo a importância da historicidade de todos os processos humanos e sociais, acredito no que aprendemos com Silvia Lane: “Portanto, caberia a Psicologia Social recuperar o indivíduo na intersecção da sua história com a história de sua sociedade \_ apenas esse conhecimento nos permitiria compreender o homem como produtor da história” (Lane, 1992, p.13).

Procuro mostrar a produção de autores da Psicologia Social que, aqui no Brasil, vêm empenhando-se no estudo da Psicologia crítica sócio-histórica e de autores das Ciências Sociais que contribuam para esta mesma proposta. Considero, neste percurso, a indissociabilidade entre teoria, metodologia e prática transformadora.

Para chegar até Muzema foi preciso, previamente, definir minha forma de entrada no Posto e a metodologia a ser adotada. Desta forma, seguindo os ensinamentos da pesquisa participante, busco interagir, inicialmente, com os líderes comunitários, escutá-los, para, posteriormente, conversar com os moradores de Muzema.

Neste estudo apresento a proposta de analisar Muzema como um microcosmo de um contexto mais amplo de análise. Favelas e/ou comunidades? O que significa viver em uma comunidade? Vivemos no mundo contemporâneo em

---

<sup>1</sup>A escolha desta expressão, analisada no texto de Bauman (2005), justifica-se por entender que a realidade dos sujeitos, que não acompanham o capitalismo globalizado, deve ser vista a partir de uma análise que investigue as implicações para todos nós e, em especial, dos ditos excluídos pela ordem econômica que coloca de lado àqueles que por variadas razões não acompanham o ritmo deste cenário, onde o capital e o consumo são mais valorizados que a própria vida humana.

comunidade? As relações indivíduo e sociedade, cultura local e cultura global, subjetividade e objetividade são consideradas em minha atuação e no percurso deste estudo.

Observo que muitas práticas em Psicologia Social Comunitária começam nas instituições, nas associações de moradores, nas igrejas. A entrada na comunidade não é uma tarefa simples. Queiramos ou não, somos estranhos naquele contexto. Mesmo sem uma intervenção na comunidade, no início das minhas atuações no Posto, procuro fazer visitas, entrevistas e participo de programas de iniciação científica na universidade. Entendo, ainda, que, como supervisora de estágio, não deveria me colocar distante do campo de atuação dos próprios estagiários. Tal postura favorece a dialética pensar e fazer, essencial para o trabalho comunitário.

A desnaturalização de nossas práticas profissionais é enriquecida pelo posicionamento do pesquisador participante. Sem o conhecimento prévio sobre a Psicologia Comunitária, não teria sido possível chegar até o Posto em Muzema. Foi exatamente este conhecimento que me fez valorizar aquela experiência, aquela trajetória.

Caminho na contramão do imediatismo e do realce do discurso do consumo. Valorizo as narrativas dos sujeitos, seus grupos de referência, suas vidas secas mescladas com o “Rio 40 graus, cidade maravilha da beleza e do caos”. A leitura dos textos de Walter Benjamin, “Experiência e Pobreza” (1933) e “O Narrador” (1936), são fundamentais para esta compreensão.

Nesta trajetória assumo uma postura de superar muitas dicotomias presentes nas Ciências da Natureza. Seguindo Mikhail Bakhtin (1974, p.395), penso num olhar para as Ciências Humanas: “O nosso objeto é um ser expressivo e falante”. O nosso critério, como nos ensina este mestre, é a profundidade com que penetramos nesta realidade e a responsabilidade de nossas atitudes perante o outro.

Para Bakhtin (1974, p.394), “o indivíduo não tem apenas meio e ambiente, tem também horizonte próprio”. Aposto, assim, no sujeito singular, e entendo, acompanhando Roberto Castel (1998), que, quando refletimos sobre a tragédia dos excluídos, devemos questionar o conjunto da sociedade. Não intenciono generalizar um percurso de sujeitos excluídos. Tomo, como modelo, a proposta de

Bader Sawaia que propõe “a exclusão como um processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas” (Sawaia, 1999a, p.9).

Um visitante que chega pela primeira vez a Muzema, vindo da Barra da Tijuca, de Jacarepaguá, ou de Rio das Pedras, sente-se nos fundos da Barra da Tijuca. Muitos moradores de Muzema trabalham na Barra da Tijuca e são, em sua grande maioria, nordestinos. Como aponta uma carioca, moradora de Muzema há vinte e cinco anos: “*Aqui em Muzema o carioca é que é o estranho*”.

Muzema, estando próxima a Rio das Pedras, é uma favela que, segundo os líderes comunitários, apresenta regras próprias, que, conforme os mesmos apontam, existem para impedir o tráfico de drogas e manter a ordem na comunidade.

No início deste percurso em 2002, constato um desconhecimento da população da cidade do Rio de Janeiro sobre os modos de vida daquela região (Zona Oeste). Hoje, a mídia divulga informações sobre a realidade vivida por seus moradores, que convivem com as milícias, conhecidas por eles como “polícia mineira”. A defesa das milícias por um segmento da população é um fato já constatado no cotidiano do Rio de Janeiro.

Vejo em Muzema que “viver fora do tráfico” alivia as tensões de morar no Rio de Janeiro. Os moradores, de um modo geral, dizem: “aqui é um lugar calmo”, “aqui não tem violência”, sempre tendo como referência o tráfico de drogas. A oferta da segurança proporcionada nesta localidade articula-se a aspectos da indústria da segurança presente em nossa sociedade. Reflito sobre a atuação do Estado em nosso cotidiano e as possíveis contribuições de uma pesquisa em Psicologia Comunitária no tocante ao compromisso do Estado frente às políticas públicas e à saúde da população.

Espero que o leitor sintam-se estimulados para refletir sobre o que é apresentado nesta tese, sobre a experiência no Posto em Muzema. Não pretendo saciar toda a sua curiosidade neste momento, pois temos ainda um longo percurso. Apenas intenciono introduzi-lo nesta experiência e aproximá-lo do meu olhar.

A opção sobre as práticas realizadas no Posto é a de respeitar o ritmo do campo em que estamos inseridos, valorizar a construção daquilo que no dito popular ouvimos como “não ir com muita sede ao pote”. A constatação das

dificuldades encontradas não se apresenta como uma barreira para que este trabalho tenha uma produção e dinâmica própria, mas serve como analisador dos fazeres no Posto.

Outro ponto que norteia este trabalho na relação construída com os sujeitos que pude conhecer no Posto, com a liderança comunitária e com os moradores é a de buscar um olhar para o sujeito e sua história. A vida de migrantes nordestinos na cidade do Rio de Janeiro, nas suas angústias e possibilidades, deve ser analisada.

Exercito o que aprendemos em pesquisa etnográfica sobre o “ficar próximo e distante”. Tento uma reflexão sobre os nossos estereótipos, estigmas e preconceitos. Conhecemos e aceitamos os papéis sociais de cada um naquele contexto, mas nos posicionamos além deles. Segundo Vilhena (2007), no momento atual em que vivemos, o encontro com o outro não é mais uma chance que temos de inaugurarmos novas relações. Esta autora lembra-nos que nos fundamentalismos cotidianos inventa-se e recria-se o perigo e o inimigo\_bandido, favelado, traficante, negro, homossexuais e prostitutas\_ para que se possa oferecer segurança e defesa e a ilusão de ordem.

Neste momento, já com estas informações, posso levantar pontos e questões que guiaram este trabalho e que fortalecem a construção dos capítulos desta tese.

O capítulo “Psicologia Comunitária” é o ponto de partida. Faço, no início deste capítulo, uma breve exposição para pensar como a comunidade foi apropriada pelos homens na modernidade para, em seguida, analisar este conceito na Psicologia Comunitária.

Para uma sucinta contextualização, lembro que, com as transformações das sociedades industriais, a comunidade aparece como inimiga do progresso e do desenvolvimento econômico, sempre surgindo em oposição à sociedade. Não nos esqueçamos de que, na Psicologia Social, ramo da Psicologia criado no início do século XX, o conceito de comunidade surge no lugar do de grupo e de interação social.

A Psicologia Comunitária desenvolve-se num “setting” diferente dos consultórios, das empresas e de outras instituições onde atua o psicólogo. Obrigamos a rever nossos pressupostos epistemológicos e metodológicos, a própria

construção histórica da Psicologia. Nas favelas, nos becos, nos avessos e nas periferias realizamos os nossos fazeres. Somos nós que chegamos até lá, precisando, muitas vezes, de uma mudança de rota, tanto no aspecto físico e geográfico, quanto no subjetivo.

A inserção da Psicologia Comunitária na formação do psicólogo incentiva o a não priorizar apenas os aspectos técnicos. Devemos considerar um estudante de psicologia sensível à realidade brasileira e atento à possibilidade de novas modalidades de atuação e que possa construir projetos coletivos.

O sofrimento psíquico constatado em grande parte das populações de baixa renda nos direciona a um posicionamento ético e político do contexto em que vivemos. Um psicólogo que atua em favelas precisa estar próximo dos debates sobre a cultura contemporânea. Busca-se um entendimento sobre como a subjetividade capitalística se reproduz em diferentes esferas e de diferentes formas.

Como exemplo, ao conversar recentemente com uma jovem no Posto, a mesma me disse que gostaria de contar um fato que eu deveria escrever na minha tese ou fazer outra tese. *“Doutora, ficamos cinco dias sem televisão, pois ficamos sem as nossas antenas. Moro aqui há muitos anos e nunca tinha visto esta comunidade “quebrando o pau”, fazendo confusão. O quinto dia era o final do “Big Brother” e o líder foi solicitado a providenciar um telão para acalmar os nervos”*. A moradora me disse ainda: *“Eu só vejo Sky, não assisto Big Brother”*. Conversamos, naquele momento, sobre a intensidade como a TV penetra na vida das pessoas, que deixam de lado outros fatos mais sérios, não se sentindo indignadas.

Vivemos, então, em tempos de homogeneização das subjetividades. Apresento a Psicologia Social Comunitária como uma proposta de projeto coletivo de resistência ao processo de individualização do social dos nossos tempos.

Substituímos o diálogo, a consideração pelo outro, pela pergunta sobre o preço dos seus sapatos ou de seu guarda-chuva, como expõe Walter Benjamin (1995, p.23). Este autor, nesse fragmento, diz que ficamos aprisionados em um teatro. Seria “O Big Brother” da moradora citada acima?

Ressalto autores que servirão como eixos importantes para nossa pesquisa neste capítulo: Arendt (1997), Bakhtin (1919, 1974), Bauman (2003), Benjamin (1933, 1936, 1940, 1984, 1995, 1996), Farr (1998, 1999, 2000), Freitas (1996, 1999, 2000), Campos (1999, 1999a), Guattari e Rolnick (1999), Lane (1992,1999), Sawaia (1995a, 1995b, 1999b), Vygotsky (1991), Zamora (2004). Estudando estes autores, penso a Psicologia Social Comunitária como um caleidoscópio, pois é através dela que amplio o conhecimento sobre a própria Psicologia, buscando conexões com problemas que instigam o homem contemporâneo.

Dando prosseguimento ao que foi pensado neste segundo capítulo, acompanho a proposta de Campos (1999a) em Psicologia Social Comunitária: “a cultura, como construção intersubjetiva de significados, e o diálogo, como contexto para a problematização e reconstrução cultural” (p. 175).

Articulo esta posição de Campos às reflexões sobre os fazeres no Posto e o que vinha observando em Muzema. O que significa viver em uma comunidade como Muzema? O que significa viver em uma comunidade? Como se apresenta a comunidade existente na cultura contemporânea? Com estas questões nomeio o terceiro capítulo: “O que significa viver em uma comunidade?”.

Diante dessas considerações e apostando, como diz Campos (1999a, p.175), “no diálogo como contexto para a problematização e reconstrução cultural”, o viver em comunidade se apresenta na possibilidade de dar voz, como pesquisadora, aos moradores da comunidade, especialmente às mulheres, que, constantemente, procuram o psicólogo no Posto, solicitando atendimento psicológico. Viver em comunidade implica testemunhar a cultura em que vivemos. No momento em que assumimos o lugar de “sujeitos da história”, temos a chance de problematizar a vida nos guetos, pois esta, segundo Bauman (2003), não sedimenta a comunidade, mas fortalece a exclusão.

Realizei entrevistas semi-estruturadas com onze mulheres nordestinas e uma carioca (moradora de Muzema há 25 anos), numa faixa etária entre 20 e 45 anos, moradoras de Muzema há mais de cinco anos, com escolaridade variando do Ensino Fundamental ao Ensino Médio, sendo que uma entrevistada tem Pós-Graduação.

Destaco que realizei as entrevistas pessoalmente, da mesma forma que executei a transcrição do material que escutava. Não utilizei gravador, pois constatei que, naquele contexto, poderia impedir a espontaneidade das respostas. A cada três entrevistas, interrompia a ida a campo, dedicando-me às transcrições e fazendo articulações teórico-práticas.

Em uma breve pausa sobre o meu percurso, vejo como importante ressaltar que, na minha dissertação de mestrado em Psicologia Social, “Atitudes frente à Maternidade em Grupos de Mulheres Mães e Não Mães”, analisei a descoberta, pela mulher, de sua maternidade (Oberg, 1992). Com uma proposta teórico-metodológica desenvolvida na Psicologia Social Americana, constato que mantenho, depois de muitos anos, o interesse pelo feminino, ainda que esta tese não esteja enfocada em questões de gênero.

Tendo acompanhando as muitas transformações e questionamentos da Psicologia Social no Brasil e na América Latina, hoje assumo, na minha tese de doutorado, uma posição crítica da postura teórica do meu curso de mestrado. Esta crítica torna-se mais sólida pelos estudos que desenvolvi no decorrer do curso de doutorado.

E as mulheres? Por que continuam presentes em meus estudos?

A psicanalista Betty Fucks, no texto *Freud e a Cultura* (2003), revela que Freud se deixa guiar pelas palavras femininas. A feminilidade, segundo esta autora, é uma figura de alteridade que Freud reconhece deter um dizer ininterrupto sobre o inconsciente. “Freud fez da feminilidade o lugar de entrecruzamento do inconsciente com o processo da cultura” (p.59). E, como já explicado nesta introdução, são as mulheres com quem lidamos e que nos procuram em nossas práticas.

O tema abordado nas entrevistas que realizei foi sobre o viver em comunidade, como elas percebiam este viver. A partir de questões observadas em minha prática antes da tese e em entrevistas iniciais, levantei algumas idéias que faziam parte de um roteiro, procurando sempre acompanhar suas associações.

Desta forma, levantei temas como o individualismo, a valorização de interesses coletivos, as amizades, a segurança e a liberdade, a vida privada, o espaço público, o papel do Estado, o significado da sociedade, a vida em outras

comunidades e a comunidade vivida na infância. Estes aspectos serviram como norteadores para o desenvolvimento dos itens deste capítulo três.

Procurei, na “análise e interpretação dos dados”, expô-los concomitantemente às articulações teóricas deste capítulo. Pensei que enriqueceria o texto da tese com as falas das mulheres da comunidade.

O meu intuito estendeu-se para além de uma apresentação formal dos resultados das entrevistas. Tive o propósito de propiciar a interlocução, o diálogo, o confronto com as minhas próprias idéias. Não sigo uma lógica linear, priorizo o encontro teoria e prática, aposto na práxis. Não pretendo e não conseguiria traduzir em palavras a intensidade do diálogo e da forma como me senti afetada pelas entrevistas. Um pesquisador, que reconhece seus valores e seus afetos, considera que sua postura é parte integrante do processo da pesquisa que realiza.

Assim sendo, neste terceiro capítulo, faço uma reflexão sobre o conceito de comunidade de alguns autores, como Tönnies (1955), Weber (1977), Dürkheim (1893) e Marx (1983). Constato que a investigação sobre o significado de viver em comunidades, como as favelas, implica não olhar a comunidade de forma autônoma, isolada de um contexto. Os itens seguintes deste capítulo \_ Individualismo e Coletivismo, Estado e Comunidade; Sociedade e Comunidade, Os refugados humanos na atualidade\_ são desenvolvidos a partir do roteiro citado acima, estando os discursos das entrevistadas presentes em seu decorrer.

Alvito (2001), Agambem (2004), Bauman (2003, 2005), Buber (1987), Castel (1998), Guattari (1999), Pacelli (1999), Sawaia (1995b,1999a,1999b), Simmel (1979,1984), Soares (2001), Vilhena (2005, 2007), Zamora (2004) são alguns dos autores que me acompanharam neste terceiro capítulo.

No quarto capítulo, “O Campo revisitado: A experiência de Muzema”, mostro ao leitor os meus primeiros contatos com as lideranças e a solicitação por atendimento psicológico para os moradores. Qual o caminho que segui diante de um convite para desenvolver a clínica no Posto? Quais foram os desenvolvimentos deste desafio? Importante lembrar que não chego ao Posto com este propósito, fui aberta para ouvir e conhecer, já que fui requisitada, no SPA e pelos líderes, para desenvolver um trabalho de Psicologia Comunitária.

Desta forma, concomitantemente aos atendimentos realizados, desenvolvo aquilo que compreendemos como clínica ampliada. Com um enfoque teórico-

psicanalítico, caminho no desafio de trazer para a esta discussão os ensinamentos da Psicologia Sócio-Histórica. Não nos esqueçamos de que a psicologia sócio-histórica redefine e desnaturaliza o fenômeno psicológico, trazendo reflexões que articulam mundo psicológico e social.

Importante lembrar que o contexto institucional que mostro neste estudo tem uma dinâmica muito própria e que não temos acesso à triagem que é feita no Posto. Como trabalhar com a noção de clínica ampliada em situações como estas? A clínica ampliada pode favorecer a nossa entrada na comunidade?

Apresento uma proposta, na clínica ampliada, de superar dicotomias, indivíduo e sociedade, clínica e política e não dissocio tal proposta da cultura institucional e de questões que se apresentam em nossa cultura. Quais são as especificidades da escuta clínica de sujeitos refugados? Quais são os efeitos subjetivos e intersubjetivos da exclusão social?

Noto, além disto, um destaque por parte de grande parte dos sujeitos que conhecemos sobre questões relativas à busca por segurança no Rio de Janeiro. Tento rever estes pontos discutidos sobre segurança e suas relações em torno do chamado mal-estar contemporâneo.

A análise do texto *Mal-Estar na Cultura* (1930), convida-nos a um entendimento sobre a forma como os homens vêm tecendo seus caminhos nos impasses com que se deparam no capitalismo globalizado. Como lidamos com o desamparo de nossa época? Como os moradores de Muzema vivem o desamparo social?

No caso da vida de migrantes nordestinos em Muzema, observa-se que o mal-estar estende-se a partir do contato com uma cultura diferente da comunidade vivida na infância. Vivemos em tempos de afastamento dos grupos de referência. Considero que o contato com o diferente pode ampliar a experiência subjetiva destes sujeitos. As falas de algumas mulheres entrevistadas, e que se apresentam reveladas no capítulo três, continuam presentes no item “O migrante na rede do outro: Os migrantes nordestinos na cidade do Rio de Janeiro”, neste capítulo quatro.

Pensar na organização sócio-espacial de Muzema, sua população e a cidade do Rio de Janeiro pode favorecer articulações sobre os modos de vida dos moradores das comunidades e suas interseções com o “dentro e fora” da sociedade

de consumo. Estamos todos inseridos nesta sociedade? Examinar os avessos de nossa cidade implica resistir à homogeneização dos modos de estar na cidade.

Diante disto, esta tese intitulada “Do Rio das Vitrines à Galeria dos Desconhecidos”, nos convida a buscar uma interlocução com uma galeria do Rio invisível. Pretendo que Muzema e outras galerias do Rio mostrem a sua cara, tornando-se próximas daqueles que desejem compartilhar os avessos e as diferenças em nossa cidade.

Bezerra (1999, 2000, 2001), Bock (2001, 2002), Freud (1930), Figueiredo (2004), Goffman (1988), González Rey (2001, 2002, 2003), Pujo (2000), Rosa (2002), Vilhena (2000, 2005, 2007), Winnicott (1975), Zamora (1992) são alguns autores aos quais recorro neste quarto capítulo.

A partir do exposto nesta introdução, o presente trabalho pode instigar aqueles que ocupam uma posição de ensino no campo das ciências sociais e psicológicas, ou no campo de trabalho social. Como podemos viabilizar que nossas práticas sociais não fiquem limitadas e estagnadas a uma leitura mecanizada imersa num cotidiano acrítico? “De onde surge esta valoração do cotidiano como o auto-evidente e inquestionável? Por um mecanismo peculiar da ideologia dominante que “naturaliza” o social, universaliza o particular e torna atemporal o que é histórico?” (Quiroga 1998, p. XIV).

Nas “Considerações finais” objetivo apresentar, de forma resumida, as conclusões mais relevantes do trabalho, além de propor possíveis desdobramentos da pesquisa. Entendo a pesquisa como um processo inacabado, mas que neste momento, nesta etapa, finalizo, sem ter a pretensão de esgotar ou terminar a construção deste trabalho no Posto em Muzema.